

ONDE ESTÃO AS MENINAS? PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ruth Oliveira Silva ¹
Regiane Maria Soares Ramos ²

RESUMO

Estudos apontam que é de fundamental importância a compreensão da necessidade de abordar as questões de gênero no âmbito educacional, em especial nas aulas de Educação Física, no intuito de contribuir com a desconstrução de preconceitos e estereótipos existentes. É nesse contexto que o presente estudo se constitui. A partir de uma abordagem qualitativa e baseado em um relato de experiência, o objetivo primordial foi levantar reflexões e problematizar as relações de gênero nas aulas de Educação Física a partir de uma experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Especificamente, buscou-se relatar a divisão das turmas a partir de uma perspectiva de gênero, analisar a prática docente frente a esta situação e apontar caminhos para atenuar o problema. Para a construção dos resultados, foi realizado a análise documental, investigando o diário de campo da professora em formação. Os dados presentes do diário de campo foram obtidos a partir da observação e das experiências vivenciadas pela bolsista, ao acompanhar as aulas de Educação Física ministradas para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (6º e 7º ano). A análise revelou que as aulas de Educação Física da escola-campo são feitas a partir de separações das turmas por gênero, com propostas distintas para meninos e meninas. Além disso, observou-se que as meninas eram frequentemente desassistidas, realizando atividades em espaços adaptados e sem a devida orientação pedagógica. Quanto a prática docente, notou-se a adoção de uma abordagem predominantemente tecnicista, o que pode contribuir para o caráter excluente das atividades. Nesse contexto, é de extrema relevância traçar caminhos para atenuar tal problema, sendo uma das possibilidades a adoção de aulas mistas, acompanhadas de possibilidades de reflexão, questionamentos e discussões sobre às questões de gênero, de modo a possibilitar a desconstrução de conceitos e estereótipos que perpetuam na sociedade.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Gênero, Prática docente.

INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero desafiam a ideia de que a biologia é o único aspecto determinante na constituição dos femininos e masculinos existentes (ALTMANN, 2015). Para

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí - MG, rutholiveira405@gmail.com;

² Coordenadora de área do PIBID e docente do Núcleo de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí – MG, regiane.ramos@ifmg.edu.br.



a autora, tais estudos são de extrema importância para demonstrar que o “ser homem” e “ser mulher” é um processo de construção, perpassado por inúmeros modos de aprendizagem e repetição de movimentos, posturas, sentimentos e expressões.

Cruz e Palmeira (2009) enfatizam que a sociedade adota diferentes forma de educar homens e mulheres, conferindo competências e habilidades específicas para cada gênero, e construindo culturalmente uma pseudo-superioridade masculina. Essa diferenciação pode reverberar nos mais diversos aspectos do cotidiano, inclusive no âmbito educacional. Nesse contexto, Conceição (2022) salienta que na escola, seja de forma consciente ou inconscientemente, há uma tendência de (re)produzir diariamente estereótipos que determinam naturalmente/culturalmente posições para meninas e meninos.

Desse modo, ao tratar-se do contexto escolar, especificamente das aulas do componente curricular Educação Física, Jaco (2012) aponta que as diferenças no processo de construção e educação são comumente percebidas na forma como meninos e meninas interagem e demonstram seus interesses e habilidades ao longo das aulas. A autora enfatiza que a distinção na forma de educar, acabam acarretando vivências corporais diversificadas, que promovem gostos, interesses e formas de apropriação diferentes nas aulas de Educação Física.

Nessa perspectiva, a Educação Física a depender da forma como é abordada, pode auxiliar na consolidação de conhecimentos deturbados, dando destaque aos meninos, na justificativa de os mesmos apresentarem maior desenvoltura no trato das atividades físicas (CRUZ; PALMEIRA, 2009). Entretanto, os autores ressaltam que as possíveis diferenças no desempenho provêm de um maior repertório motor dos meninos, em consequência do maior número de experiências realizadas por eles.

Diante do exposto, é possível reconhecer que a escola e os docentes desempenham papel fundamental na formação cidadã, no que diz respeito à transformação de saberes histórico-sociais. Para Vasconcelos e Ferreira (2020), a abordagem das questões de gênero nas aulas de Educação Física é essencial para a desconstrução de preconceitos e estereótipos. Nesse contexto, essa prática se configura como um ato de resistência à reprodução de saberes que reforçam as desigualdades.

Considerando a importância de se tratar tal temática no contexto escolar, é fundamental a observação de espaços e reflexão sobre a prática docente, visando identificar se



a mesma tem atuado na atenuação de padrões excluidentes ou na perpetuação de atividades segregadoras. É nesse contexto que o presente estudo se justifica, uma vez que busca responder: de que maneira as relações de gênero se manifestam e impactam a organização das turmas e as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física?

Para isso, tem como objetivo levantar reflexões e problematizar as relações de gênero nas aulas de Educação Física a partir de uma experiência vivenciada por uma professora em formação, bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Especificamente, o estudo objetiva relatar como ocorre a divisão das turmas a partir de uma perspectiva de gênero, analisar a prática docente adotada frente a esta situação e apontar possíveis caminhos para atenuar tal problema.

METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como um estudo qualitativo, com natureza descritiva e exploratória, que utiliza o relato de experiência como fonte primária de dados para a produção de conhecimento. A abordagem qualitativa, conforme Godoy (1995), parte de questões amplas e busca a obtenção de dados descritivos a partir do contato direto do pesquisador com a situação estudada, o que se alinha à proposta deste trabalho de analisar as vivências da pibidiana.

Para a construção dos dados e resultados, empregou-se a análise do diário de bordo, tendo-o como principal fonte. O diário, enquanto instrumento de registro de vivências e reflexões da licencianda em Educação Física e bolsista do Programa Intitucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), serviu como base para a coleta de informações. As atividades relatadas foram observadas em uma escola-campo, localizada na Zona Rural de um município do Centro-Oeste de Minas Gerais, ao longo do segundo bimestre do ano letivo de 2025.

Os dados foram obtidos a partir das observações e das experiências vivenciadas pela bolsista, ao acompanhar as aulas de Educação Física ministradas no período vespertino, para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, especificamente 6º e 7º ano.

Após a coleta, os dados do diário de bordo foram submetidos a uma análise temática qualitativa. Este processo envolveu a leitura minuciosa das anotações, a identificação de padrões recorrentes e a categorização dos temas emergentes relacionados às relações de gênero, à prática docente e à organização das aulas. A análise foi realizada em colaboração



entre a bolsista e a coordenadora de área do Pibid. Divergências na interpretação dos dados foram resolvidas por meio de discussões e consensos, assegurando uma interpretação mais robusta e compartilhada das observações.

Para fundamentar a discussão dos resultados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Esta etapa incluiu a busca por autores que abordaram as relações de gênero na Educação Física Escolar, utilizando termos de pesquisa como 'gênero e educação física escolar', 'práticas pedagógicas e gênero', 'coeducação na educação física' e 'divisão por gênero no esporte escolar' em bancos de dados acadêmicos como Scielo, Google Scholar e bases de periódicos da CAPES.

Para resguardar a privacidade e o anonimato dos envolvidos, os nomes da escola-campo, do município e de todos os participantes (alunos e professores) foram substituídos por pseudônimos ao longo de todo o texto. As falas e os relatos foram utilizados apenas para contextualizar a análise, sem a intenção de identificar os participantes. Este procedimento está alinhado às diretrizes éticas da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, garantindo a segurança e o respeito a todos os sujeitos da vivência relatada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A divisão nas aulas de Educação Física sob a perspectiva de gênero

Ao longo do período analisado, foi possível perceber que as turmas eram freqüentemente divididas por gênero nas aulas de Educação Física. Nesses momentos, os meninos eram estimulados a vivenciarem a prática dos fundamentos do futsal, enquanto as meninas recebiam a bola de voleibol para vivenciarem a modalidade ou jogarem queimada, em um pequeno espaço do pátio. Um exemplo recorrente no diário de campo ilustra essa divisão: “Em um dia típico, enquanto o professor organizava os meninos para um circuito de passe e chute na quadra principal, as meninas eram direcionadas para um canto do pátio, onde lhes era entregue uma bola de vôlei sem nenhuma instrução inicial formalizada.”

Tal proposta de separação entre meninos e meninas durante as aulas de Educação Física Escolar, se configurou de diversas formas desde a inserção e institucionalização das práticas corporais no contexto escolar brasileiro (DORNELLES; FRAGA, 2009). Os autores salientam que em alguns momentos, está prática esteve regulamentada a partir de legislações que



organizavam o funcionamento do ensino escolar. Atualmente, embora tenha havido mudanças significativas na legislação educacional, ainda é possível presenciar resquícios dessas restrições, que podem resultar na não participação das meninas nas aulas ou na diferenciação de atividades voltadas à meninos e meninas (POLONI; FURLAN, 2022).

Dentro do conteúdo do futsal, foram abordados com os meninos os fundamentos técnicos, como condução e controle de bola, passe, drible, chute e defesa. Tais fundamentos foram desenvolvidos a partir de circuitos, e ainda através do método global de ensino. Durante a realização dessas atividades, foi notável a presença constante do professor, fazendo as correções e intervenções contínuas para o desenvolvimento técnico dos alunos. No diário de campo, registrou-se: "O professor passava por cada estação do circuito com os meninos, demonstrando o movimento correto e pedindo para que os alunos executassem a atividade de forma séria e comprometida. Havia um foco explícito na técnica e na repetição orientada."

Entretanto, paralelamente, as meninas realizavam suas atividades de forma desassistida, recorrendo na maior parte das vezes ao voleibol e/ou queimada. A observação da bolsista revelou um padrão preocupante: "Enquanto os meninos recebiam atenção individualizada, as meninas no pátio muitas vezes jogavam sem supervisão direta. Quando tentavam jogar vôlei, era comum ver movimentos descoordenados, como o uso do 'soco' para passar a bola em vez do toque ou manchete, e a ausência de posicionamento tático, o que demonstrava uma falta de conhecimento técnico da modalidade e das regras básicas".

Desse modo, a defasagem observada no público feminino pode ser diretamente associada à falta de assistência durante as aulas. Como as mesmas estavam desassistidas na maior parte do tempo, não havia a possibilidade de verem os aspectos conceituais da modalidade, ficando limitadas apenas ao aspecto procedural, que ocorria de maneira ineficaz.

Essa situação corrobora estudos já consolidados que demonstram que, na prática esportiva escolar, há uma distribuição diferenciada das tarefas para meninos e meninas e a realização de atividades historicamente construídas com base na dicotomia masculino e feminino (PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016).

Para Cruz e Palmeira (2009) quando não trabalhada de maneira adequada, a Educação Física pode atuar na consolidação de concepções incutidas na sociedade, reforçando a ideia da pseudo-superioridade masculina, e de que os meninos apresentam maior desenvoltura no desenvolvimento de atividades físicas. Os autores salientam que essa predisposição a

melhores resultados, possivelmente provem de um maior repertório motor dos meninos, uma vez que os mesmos são expostos a um maior número de vivências.

Nesse sentido é importante reforçar que, diante das aulas observadas, foi possível perceber uma dupla negligência com o público feminino: primeiramente, não lhes foi ofertada a possibilidade de vivenciarem o futsal com orientação adequada, e em segundo lugar, não receberam a assistência necessária para a prática correta do voleibol ou queimada.

É importante ressaltar que durante o período de acompanhamento relatado, houve um momento em que a bolsista e pesquisadora do presente estudo foi convidada a ministrar uma aula, dando continuidade à temática do futsal, no entanto, com atividades previamente definidas pelo supervisor - professor regente de Educação Física. Apesar de não ter autonomia sobre a escolha das atividades, a bolsista optou por fazer algo diferente do que comumente havia sido observado nas aulas anteriores, conduzindo uma aula mista, com meninas e meninos realizando a mesma atividade. Essa decisão, mesmo sob as limitações da autonomia, se configura como um ato de resistência e um exercício da práxis docente em formação.

Diante dessa experiência, foi possível perceber que, inicialmente, as meninas se recusaram a participar, alegando que não conseguiam realizar as atividades e que não sabiam jogar. Um registro do diário de campo ilustra a relutância inicial: "As meninas se posicionaram na beira da quadra e diziam *não consigo fazer isso* ou *os meninos acham ruim quando a gente joga*." Entretanto, ao serem estimuladas e encorajadas pela bolsista, permitiram-se vivenciar o que havia sido proposto. Ao longo da vivência, notou-se que a maior parte das meninas apresentava movimentos descoordenados e dificuldade de realizar os fundamentos da modalidade, corroborando mais uma vez com a perspectiva apresentado por Cruz e Palmeira (2009) sobre a influência do repertório motor constituído por vivências prévias.

Em concordância, Altmann (2015) enfatiza que o interesse e o sucesso dentro do esporte dependem da valorização e da aprendizagem de gestos, movimentos e conhecimentos táticos, no entanto, na maioria das vezes, tais experiências não são igualmente ofertadas entre meninos e meninas. Para a autora, os incentivos e os campos de possibilidades oferecidos aos meninos são mais amplos e adequados às práticas esportivas, quando comparados aos disponibilizados às meninas. Tal diferenciação vem se perpetuando ao longo do tempo, a autora Oliveira (2024) ressalta que a Educação Física no Brasil é uma disciplina marcada por



raízes militaristas, higienistas e biologicistas, sendo sua prática, inicialmente, exclusiva dos homens e marcada por uma história de exclusão da mulher.

Nos últimos anos, está área do conhecimento passou por algumas mudanças, surgindo novas concepções e abordagens. No entanto, mesmo com avanço nos estudos, ainda se nota uma tendência segregadora durante as aulas de Educação Física Escolar. De forma lamentável, em alguns momentos o ambiente escolar ainda contribui para que ocorra a segregação de gênero e atitudes preconceituosas, indo contra seu papel de formação e transformação social (OLIVEIRA, 2024).

O papel docente na promoção de aulas mais inclusivas

Considerando o relevante papel da escola na construção da sociedade, é de fundamental importância traçar caminhos para a assegurar uma prática docente mais justa e inclusiva, possibilitando a real participação de todos os estudantes. Documentos orientadores da educação no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), preconizam que

No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias (BRASIL, 1997, p. 25).

No entanto, a partir da experiência vivenciada e da revisão bibliográfica desenvolvida foi possível perceber que ainda não há um consenso em relação às aulas mistas. Silva (2024) salienta que a decisão de adotar aulas mistas ou separadas é pautada em um viés pessoal, onde a prática pedagógica é pensada e executada levando em conta apenas a segurança do docente frente ao conteúdo, e desconsiderando as necessidades de discussão e reflexão sobre as relações de gênero construídas nas suas aulas.

A autora evidencia ainda que fatores como o planejamento docente e a forma de avaliação podem influenciar a participação por gênero nas aulas de Educação Física, sendo que, ao adotarem padrões tecnicistas e conservadores os professores podem acabar reforçando sensações de inferioridade e superioridade entre meninos e meninas (SILVA, 2024). Tal afirmação vai ao encontro do observado nas aulas citadas no presente estudo, uma vez que, notou-se a adoção de uma abordagem mais tecnicista por parte do professor. No diário de campo, por exemplo, foram registradas poucas ocasiões em que o professor abriu espaço para



o diálogo sobre as dificuldades das meninas ou sobre a importância da participação mista, focando predominantemente na repetição de exercícios técnicos sem contextualização social.

Cumpre-se destacar que, o objetivo aqui não é subestimar nenhuma abordagem, pelo contrário, é importante ressaltar as contribuições de cada uma para o embasamento da Educação Física enquanto área do conhecimento. No entanto, independente das tendências seguidas pelo docente, é fundamental que o mesmo assegure que a aula aconteça de forma inclusiva, e que os estudantes tenham acesso a uma formação integral, não deixando de lado os aspectos históricos, culturais e sociais, como é o caso das questões de gênero.

Auad e Corsino (2018) corroboram enfatizando que as aulas de Educação Física que rejeitam o debate de gênero, assim como o impedimento de abordagens perpassadas por perspectivas feministas, acabam por promoverem relações de gênero em arranjos mais desiguais, conservadores e empobrecedores de múltiplas vivências corporais. Portanto, o docente, ao planejar sua prática, precisa pensar em estratégias que possam ir além do simples fato de misturar meninas e meninos. É preciso problematizar e discutir as questões históricas que sustentam tal divisão e as dinâmicas de poder que podem emergir.

A simples mistura entre meninos e meninas algumas vezes presente no contexto escolar, sem objetivos definidos e sem reflexão pedagógica, pode influenciar na construção e no reforço de relações de gênero mais desiguais no âmbito da educação (AUAD, 2004). Para a autora, as aulas mistas precisam ser pensadas, questionadas e analisadas a partir das relações de gênero, considerado a existência de um contexto social que fundamenta essas questões e perpetua a desigualdade. Estratégias como a formação de equipes heterogêneas, o incentivo à liderança feminina, a alternância de modalidades consideradas "masculinas" e "femininas" e a discussão explícita sobre estereótipos de gênero podem ser implementadas para promover uma coeducação efetiva.

Nesse sentido, é de fundamental importância que os docentes, a partir de suas intervenções pedagógicas possibilitem que os estudantes possam compreender a construção social das diferenças de gênero, e pautados no respeito, realizarem as atividades propostas (FERREIRA, 2022). Como forma de pensar em aulas mais inclusivas, é possível considerar o conceito de coeducação, “que pode ser entendida como um modo de gerenciar as relações de gênero na escola, de maneira a questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino” (AUAD, 2004).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização do presente estudo, foi possível perceber que ao longo do período observado, as aulas de Educação Física da escola-campo, foram feitas em sua maioria, marcadas pela separação das turmas como base na perspectiva de gênero, com a proposta de atividades distintas para meninos e meninas. Além da separação, observou-se que as meninas foram frequentemente negligenciadas, realizando atividades de forma desassistida e em espaços adaptados, o que limitou seu desenvolvimento técnico e sua participação plena.

A prática docente analisada demonstrou a adoção de uma abordagem predominantemente tecnicista durante as aulas, o que pode justificar o caráter excludente das atividades. Enquanto aos meninos foram propostos circuitos para o aprimoramento dos fundamentos do futsal, reforçando a importância da técnica atribuída pelo professor, no que se refere às meninas, não se notou tal preocupação. Elas ficaram sujeitas a gestos e movimentos incorretos ou mesmo privadas de experimentarem as diversas possibilidades práticas com a devida orientação.

Nesse contexto, é de extrema relevância traçar caminhos para atenuar tal problema, sendo uma das possibilidades a adoção de aulas mistas, já previstas em documentos orientadores da educação. Contudo, cumpre-se destacar que, para que haja efetividade na adoção de aulas mistas, é essencial que as mesmas sejam acompanhadas de possibilidades de reflexões, questionamentos e discussões sobre às questões de gênero, de modo a possibilitar a desconstrução de conceitos e estereótipos que perpetuam na sociedade.

Foi possível perceber que, apesar dos avanços no que corresponde aos estudos de gênero, ainda há uma longo caminho a ser seguido. Salienta-se que o docente, possui um papel crucial nessa caminhada, uma vez que o âmbito educacional é uma espaço propício para tais processos de contrução sócio-históricos.

Por fim, é importante ressaltar as limitações do presente estudo, que se alicerçam na metodologia utilizada. Ao adotar o relato de experiência, os dados ficam restritos apenas a perspectiva das autoras deste trabalho, não coletando diretamente dados com os estudantes e docentes da instituição campo (por exemplo, por meio de entrevistas ou questionários). Essa característica limita a capacidade de generalização dos achados e pode introduzir um viés inerente à interpretação subjetiva. Reconhece-se também que, embora o foco tenha sido a relação de gênero, a experiência dos alunos é complexa e perpassada por interseccionalidades



como raça, status socioeconômico e capacidade, aspectos que não foram aprofundados neste trabalho. Entretanto, apesar dessas limitações, tal procedimento metodológico possui fundamental importância, pois permite a reflexão sobre a prática e a aproximação entre o ensino e a pesquisa, servindo como um ponto de partida valioso para futuras investigações mais abrangentes e multifacetadas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. Cortez Editora, 2015.
- AUAD, D. Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação. **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, v. 27, 2004. Disponível em: <https://anped.org.br/wp-content/uploads/2024/05/t233.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- AUAD, D.; CORSINO, L. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista estudos feministas**, v. 26, n. 1, p. e42585, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/PhXvnvSpRwf6vnmRskBmVD/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Brasília, 1997.
- CONCEIÇÃO, D. M. dos S. da. **Gênero na educação física escolar: as representações das/dos docentes de educação física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-graduação em Educação. Macapá, 2022. Disponível em: https://www2.unifap.br/ppged/files/2022/11/Dissertacao_DENNYS-MAX-DOS-SANTOS-DA-CONCEICAO.pdf. Acesso em: 02 jul. 2025.
- CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 116-131, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1470>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- DORNELLES, P. G.; FRAGA, A. B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e**



Pesquisa em Educação Física, v. 1, n. 1, p. 141-156, 2009. Disponível em:
https://scholar.google.com/scholar?cluster=7867529818568906097&hl=pt-BR&as_sdt=2005&sciodt=0,5. Acesso em 25 jun. 2025.

FERREIRA, R. A. A coeducação oportunizada pelo trabalho colaborativo nas aulas de Educação Física. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 27, n. 1, 2022. Disponível em:
<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/8759>. Acesso em: 20 jun. 2025.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, p. 57-63, 1995. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCggnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2025.

JACÓ, J. F. **Educação Física Escolar e Gênero: diferentes maneiras de participar das aulas**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 2012. Disponível em:
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/851313>. Acesso em: 19 jul. 2025.

OLIVEIRA, J. L. **Práticas pedagógicas e gênero nas aulas de Educação Física no Ensino Médio de Belém**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-graduação em Educação. Belém, 2024. Disponível em:
https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/2024/10/Jeanne_Lima_Oliveira_Dissertacao.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

POLONI, L. H.; FURLAN, C. C. Educação Física escolar e as questões de gênero: a prática pedagógica em foco. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/83993>. Acesso em: 25 jun. 2025.

PRADO, V. M. do; ALTMANN, H.; RIBEIRO, A. I. M. Condutas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/3mj5nqdqvrih3mftdpu5wwedeq/access/wayback/http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/prado-altmann-ribeiro.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SILVA, Bruna Mayra Monteiro da. **Gênero e educação física: um estudo sobre as práticas corporais mistas**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2024. Disponível em:
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/59489?locale=es>. Acesso em 19 jun. 2025.

VASCONCELOS, C. M. T.; FERREIRA, L. A. A formação de futuras professoras de Educação Física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educação em Revista**, v. 36, p. e209700, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edur/a/nhzvnNmtMP7L6wYRcC4Dh8B/?format=html>. Acesso em: 27 jul. 2025.

